

## **Salve Tereza de Benguela! Presente em 2020.**

O dia 25 de julho, foi instituído no Brasil a Lei: 12.987/2014, como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. Em homenagem a líder do Quilombo de Quariterê, que por duas décadas resistiu a escravidão, coordenando uma estrutura política, econômica e administrativa, articulada num forte aparato de defesa, de um parlamento interno misto de negros e indígenas que coletivamente instituíram uma comunidade, e viveram subsistencialmente do cultivo de algodão para a fabricação de tecidos, e para a alimentação das famílias, o arroz, o milho, a mandioca, o feijão e a banana, dentre outros que também eram vendidos, quando havia excedentes produzidos.

Por travar diversas batalhas, Tereza de Benguela tornou – se símbolo de liderança, força e luta pela liberdade, ficou conhecida como a rainha negra do Pantanal Mato-grossenses. Benguela, assim como outras heroínas negras, é nosso ícone da resistência negra no Brasil Colonial. Que nos enche de orgulho e motiva-nos, enquanto mulheres negras do Brasil contemporâneo, continuar o seu legado.

Tendo seu nome e batalhas esquecidos pela historiografia nacional, buscamos nacionalmente, rememorar a história e multiplicar as narrativas que revelam sua contribuição na formação sociopolítica brasileira. Em alusão, a data é lembrada por todas as organizações de mulheres negras do Brasil, todavia, quase nunca referida no meio midiático, de tal modo escasso se remete a vida da líder quilombola Tereza de Benguela, a mesma insuficiência que tem de reproduzir, para com suas descendentes, que desde então foram inspiradas a serem rainhas no campo, no cerrado, nas várzeas, florestas e águas; na rua e na roça, nos quilombos e periferias; na ciranda e na roda, nas organizações, nas universidades e nas escolas da vida, e lutado contra as formas de opressão estabelecidas.

Movidas pelo contexto da insuficiência e da diáspora, a força ancestral negra e quilombola, não tem medida forças para galgar espaços nos coletivos, conselhos, núcleos, coordenações, articulações e fóruns, a construir ações de enfrentamentos e defesa dos direitos das mulheres que sofrem a velada interseccionalidade

do racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia e outras formas da violência estrutural. Irmanadas, entre os encontros, podemos citar a Marchas de Mulheres Negras Brasileira que no grito, visibilizam a incidência do racismo e do sexismo em nossas vidas que naturalmente estão sendo ceifadas, assim como as nossas estratégias de sobrevivência, nosso legado ancestral e nossos projetos sócio-políticos do presente e de futuro, numa afirmação do gênero e etnia, que vislumbram a manutenção e continuidade de nossas identidades, comunidades, culturas, ciências e saberes preservados concomitantemente, por nós, mulheres negras. Além, da Marcha das Margaridas, que numa permanente agenda local, estadual e nacional, resistem e reivindicam o desenvolvimento sustentável com democracia, justiça, autonomia, igualdade e liberdade das mulheres na sua diversidade.

O que nos desafia, manter estes espaços orgânicos, em que podemos ser, incentivar, mobilizar e falar por nós mesmas, o quanto fizemos e faremos em superação das lacunas e para a emancipação das mulheres negras brasileiras.

## **Celenita Gualberto Pereira Bernieri**

**Quilombola da Comunidade -----**

**Mestranda em Sustentabilidade juntos aos Povos e Terras Tradicionais – UNB**

**Bacharelanda em Administração Pública**

**Especialista em Gênero e Diversidade na Escola**

**Especialista em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar -**

**Especialista em Ciências Humanas e suas Tecnologias**

**Especialista em Educação Inf. e Séries In.do Ens. Fundamental**

**Licenciada em Pedagogia - UNITINS**

**Licenciada em Normal Superior - UNITINS**